

Relatório da OMS mostra o impacto de enfermidades não transmissíveis, como hipertensão e asma. São 41 milhões de óbitos por ano, sendo 41% de pessoas com menos de 70 anos. A maioria das vítimas, 86%, é de países de baixa ou média renda

74% das mortes são por doenças crônicas evitáveis

A cada dois segundos, uma pessoa com menos de 70 anos morre em decorrência de doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs), como cardiovasculares, pulmonares, cânceres e diabetes. Segundo um relatório da Organização Mundial da Saúde divulgado ontem, essas enfermidades são responsáveis por 74% dos óbitos em todo o mundo. Na divulgação do documento, em Genebra, representantes do órgão das Nações Unidas afirmaram que milhões de vidas podem ser salvas com estratégias preventivas.

De acordo com a OMS, as DCNTs, muitas vezes evitáveis e causadas por estilos de vida pouco saudáveis, matam 41 milhões de pessoas a cada ano, incluindo 17 milhões abaixo dos 70 anos — destas, 86% vivem em países de baixa e média renda. “Doenças não transmissíveis são as maiores causas de morte silenciosa do mundo, mas, muitas vezes, podem ser prevenidas com investimento em intervenções comprovadas e econômicas”, disse Michael R. Bloomberg, fundador da Bloomberg

São as maiores causas de morte silenciosa do mundo, mas, muitas vezes, podem ser prevenidas com investimento em intervenções comprovadas e econômicas”

Michael R. Bloomberg, embaixador Global de Doenças e Lesões não Transmissíveis da Organização Mundial da Saúde e fundador da Bloomberg Philanthropies

Philanthropies e embaixador Global de Doenças e Lesões não Transmissíveis da OMS.

“Esse relatório é um lembrete da verdadeira escala da ameaça representada pelas DNTs e seus fatores de risco”, disse o diretor-geral da agência, Tedros Ghebreyesus. “Existem intervenções de DNTs com boa relação custo-benefício e aplicáveis globalmente. Intervenções que todos os países, independentemente do seu nível de renda, podem e devem usar e se beneficiar, salvando vidas e economizando dinheiro.”

Porém, segundo o relatório, “uma quantidade mínima de financiamento local e internacional destina-se às DCNTs”. “Isso é realmente uma tragédia”, destacou Bloomberg. O documento também ressalta que as doenças crônicas não são somente as maiores causas das mortes, mas também impactam como as pessoas reagem às doenças infecciosas, como comprovado pela pandemia de covid-19. Aquelas com obesidade ou diabetes enfrentam um risco maior de adoecer gravemente e morrer em decorrência da infecção pelo vírus Sars-CoV-2.

CRISTINA QUICLER



Juntos, o tabagismo e o excesso na ingestão de álcool somam quase 10 milhões de mortes anuais pelas chamadas DCNTs

No Brasil

O recém-lançado portal de DCNTs informa que, no país, 44% dos óbitos são prematuros, e a probabilidade de morrer antes dos 70 anos é de 15% (19% entre homens e 15% em mulheres). No total, as mortes por doenças crônicas não transmissíveis representam 75% dos óbitos anuais registrados no Brasil.

Fora de controle

Ao contrário da crença popular, esses males não são um problema particular dos países ricos. O estudo revela que 86% das mortes prematuras por DCNTs acontecem em países de baixa ou média renda. Isso faz com que enfrentar o problema não seja apenas uma questão de saúde, mas de equidade, disse Bente Mikkelsen, diretor de DCNTs da OMS, observando que muitas pessoas em nações pobres não têm acesso a prevenção, tratamento e cuidados de que precisam. Segundo a

agência, um investimento relativamente pequeno, de US\$ 18 bilhões anuais, faria uma grande diferença na prevenção e no tratamento das DCNTs.

A OMS destacou que muitos fatores de risco das DCNTs estão fora do controle das pessoas. “Com muita frequência, o ambiente em que vivemos restringe nossas decisões e torna difícil, se não impossível, tomar decisões saudáveis”, afirma o relatório. Porém, o organismo da ONU insiste que é um problema com solução, já que os principais fatores de risco das DCNTs são conhecidos, assim como a forma de abordá-los.

O consumo de tabaco, uma dieta pouco saudável, o uso nocivo de álcool, o sedentarismo e a poluição do ar são considerados as principais causas das DCNTs. Sozinho, o tabagismo causa mais de 8 milhões de mortes por ano, e uma quantidade semelhante de óbitos deve-se a dietas pouco saudáveis, seja por comer muito pouco, em excesso e/ou consumir alimentos de má qualidade, afirma o relatório. O abuso de bebidas alcoólicas é responsável por quase 1,7 milhão de óbitos anuais, enquanto o sedentarismo responde por quase 830 mil mortes.

Lakruwan wanniarachchi/AFP - 9/6/21



Insuficiência cardíaca e formação de trombos também são mais incidentes

Diabetes gestacional aumenta risco de infarto e AVC em 45%

Mulheres com histórico de diabetes gestacional correm um risco substancialmente maior de doenças cardiovasculares e cerebrovasculares — condições que afetam o fluxo sanguíneo no coração e no cérebro —, segundo um estudo publicado no *The British Medical Journal*. Essa condição se desenvolve quando o corpo não consegue produzir insulina suficiente para controlar os níveis de açúcar no sangue durante a gravidez.

Já se sabe que as mulheres com diabetes gestacional têm um risco aumentado de problemas cardiovasculares, mas é menos claro quais tipos específicos de enfermidades devem ser consideradas. Para preencher a lacuna, uma equipe na China examinou

bancos de dados de pesquisa que relatam a associação entre o mal metabólico e enfermidades que afetam coração e cérebro.

Quinze estudos observacionais publicados entre 2006 e 2022 foram incluídos na análise. Desse, quatro eram do Canadá, três dos Estados Unidos, dois do Reino Unido e um de Israel, Suécia, França, Irã, Coreia e Dinamarca. Das 51.3324 mulheres com diabetes gestacional, 9.507 tinham doenças cardiovasculares e cerebrovasculares. De mais de 8 milhões de pessoas no grupo de controle, 78.895 apresentavam esses mesmos problemas.

Em geral, as mulheres com histórico de diabetes gestacional têm um risco aumentado de 45% para doenças cardiovasculares e

cerebrovasculares, sendo 72% para as que afetam o coração e 40% no caso de enfermidades vasculares. Elas demonstraram maior probabilidade de doenças das artérias coronárias, ataque cardíaco (infarto do miocárdio), insuficiência cardíaca, angina, necessidade de procedimentos cardiovasculares e episódios de acidente vascular cerebral. A probabilidade de coágulos sanguíneos graves (tromboembolismo venoso) também aumentou 28%.

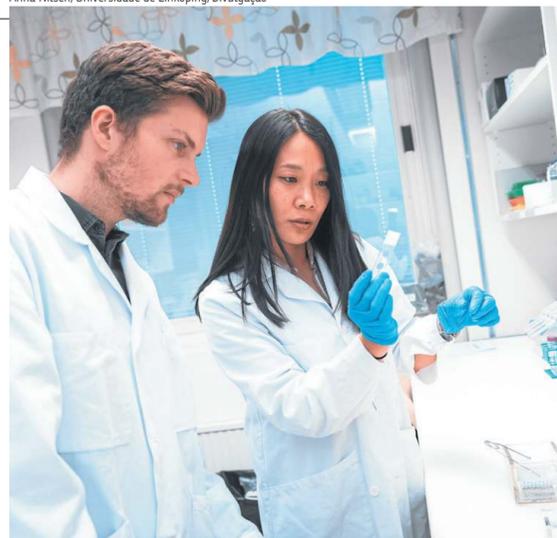
Intervenção precoce

A associação entre diabetes gestacional e doenças cardiovasculares e cerebrovasculares foi reduzida em vários graus quando os pesquisadores levaram em

consideração fatores como região geográfica, desenho e qualidade do estudo, tabagismo, índice de massa corporal, status socioeconômico e condições preexistentes. “Nossos resultados destacam a necessidade de intervenção precoce em mulheres com alto risco de diabetes mellitus gestacional e monitoramento contínuo dessas pacientes”, escreveram os autores.

Os mecanismos precisos de como o diabetes gestacional contribui para o aumento do risco de doenças cardiovasculares e cerebrovasculares permanecem desconhecidos. No entanto, eles dizem que as descobertas contribuem para uma compreensão mais abrangente dos efeitos adversos associados ao problema.

Anna Nilsen/Universidade de Linköping/Divulgação



Os cientistas Riccardo Barchiesi e Estelle Barbier: chance de novas terapias

PSIQUIATRIA

Descoberto mecanismo que intensifica as más lembranças

A capacidade de sentir medo é essencial para escapar de situações de risco de morte e aprender a evitá-las. Em algumas condições, no entanto, como no transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), as reações se tornam excessivas e persistem mesmo quando não são mais apropriadas. Isso desencadeia uma ansiedade intensa, mesmo que o perigo não esteja mais presente, e leva à incapacidade da pessoa afetada.

Cientistas suspeitam que certos indivíduos têm uma maior tendência a desenvolver medos patológicos, e que isso é causado por distúrbios na maneira como o cérebro processa memórias dessas sensações. Agora, pesquisadores da Universidade

de Linköping, na Suécia, fizeram uma descoberta sobre os mecanismos que amplificam a lembrança de fato/emoções ruins, o que pode ajudar o desenvolvimento de novos tratamentos. O estudo, realizado em ratos, foi publicado na revista científica *Molecular Psychiatry*.

Os pesquisadores investigaram uma proteína conhecida como PRDM2, que suprime a expressão de muitos genes. Anteriormente, eles haviam descoberto que os níveis de PRDM2 são mais baixos na dependência de álcool e levam a respostas exageradas ao estresse. Em humanos, é muito comum que o uso excessivo de substâncias químicas e condições relacionadas à

ansiedade estejam presentes ao mesmo tempo, e os pesquisadores suspeitam que isso seja causado por mecanismos comuns por trás de ambos os problemas.

Segundo Estelle Barbier, que liderou o estudo, para que as novas memórias durem, elas devem ser estabilizadas e preservadas como de longo prazo. Esse processo é conhecido como consolidação. Os pesquisadores investigaram os efeitos de níveis reduzidos de PRDM2 na maneira como as recordações de medo são processadas. “Identificamos um mecanismo no qual o aumento da atividade na rede entre os lobos frontais e a amígdala eleva as reações de medo aprendidas. Mostramos que a regulação negativa do PRDM2

aumenta a consolidação de memórias relacionadas ao medo”, diz.

De acordo com Barbier, pacientes com transtornos de ansiedade podem se beneficiar de tratamentos que enfraquecem ou eliminam memórias de medo. “O mecanismo biológico que identificamos envolve a regulação negativa do PRDM2 e, atualmente, não temos como aumentá-lo. Mas o mecanismo pode ser parte da explicação de por que alguns indivíduos têm maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de condições relacionadas à ansiedade. Também pode explicar por que essas condições e a dependência do álcool estão tão frequentemente presentes juntas”, afirma.